



**ESTÉTICA NEGRA *VERSUS* NARCISISMO CULTURAL:
A DESOBEDIÊNCIA ESTÉTICA FEMININA NEGRA DE ELAINE
THOMPSON-HERAH**

**BLACK AESTHETICS VERSUS CULTURAL NARCISSISM:
THE BLACK FEMALE AESTHETIC DISOBEDIENCE OF ELAINE
THOMPSON-HERAH**

**ESTÉTICA NEGRA *VERSUS* NARCISISMO CULTURAL:
LA DESOBEDIENCIA ESTÉTICA FEMENINA NEGRA DE ELAINE
THOMPSON-HERAH**

Shirley Cláudia da Silva e Souza


<https://orcid.org/0000-0003-3932-8655> 


<http://lattes.cnpq.br/6346776255610516> 

Universidade do Estado de Mato Grosso (Cáceres, MT – Brasil)

shirley.souza@unemat.br

Fernando Garcez de Melo

<https://orcid.org/0000-0001-9634-0568> 

<http://lattes.cnpq.br/1410326097497883> 

Universidade do Estado de Mato Grosso (Cáceres, MT – Brasil)

garcez@unemat.br

Resumo

Neste ensaio propomos a explorar o conceito de estética negra enquanto categoria analítica para refletir sobre as manifestações do narcisismo cultural branco, racista e sexista. Para tanto, nos valem dos Estudos Culturais, da perspectiva decolonial e de teorias feministas negras para posicionar a estética negra como referencial do que denominamos de desobediência estética. Para exemplificar sua potência, recorremos ao caso de Elaine Thompson-Herah: atleta jamaicana competidora no atletismo internacional e conhecida como “a mulher mais rápida do mundo”. Assim, apresentamos a interconexão de problemáticas relacionados à identidade, cultura e resistência, particularmente no contexto de mulheres negras e sua representação na sociedade.

Palavras-chave: Estética Negra; Cultura Corporal; Decolonialidade.

Abstract

In this essay, we propose to explore the concept of Black aesthetics as an analytical category to reflect on the manifestations of white, racist, and sexist cultural narcissism. To this end, we draw on Cultural Studies, the decolonial perspective, and Black feminist theories to position Black aesthetics as a reference for what we term aesthetic disobedience. To illustrate its potency, we turn to the case of Elaine Thompson-Herah: a Jamaican athlete competing in international track and field, known as “the fastest woman in the world.” Thus, we present the interconnection of issues related to identity, culture, and resistance, particularly in the context of Black women and their representation in society.

Keywords: Black Aesthetics; Body Culture; Decoloniality.

Resumen

En este ensayo proponemos explorar el concepto de estética negra como categoría analítica para reflexionar sobre las manifestaciones del narcisismo cultural blanco, racista y sexista. Para ello, nos valem de los Estudios Culturales, la perspectiva decolonial y las teorías feministas negras para posicionar la estética negra como referente de lo que denominamos desobediencia estética. Para ejemplificar su potencia, recurrimos al caso de Elaine Thompson-Herah:



atleta jamaicana que compete em el atletismo internacional y es conocida como “la mujer más rápida del mundo”. Así, presentamos la interconexión de problemáticas relacionadas con la identidad, la cultura y la resistencia, particularmente en el contexto de las mujeres negras y su representación en la sociedad.

Palabras clave: Estética Negra; Cultura Corporal; Decolonialidad.

INTRODUÇÃO

A Jamaica, uma joia insular desprovida de poder econômico pujante, mas dotada de um vasto capital cultural emergiu como epicentro na formação das identidades afrodescendentes em diáspora, entretanto, a história dos movimentos sociais e política ainda são pouco conhecidas. Por isso, os eventos ocorridos nessa ex-colônia britânica despertam fascínio e interesse em escala global. Um desses eventos, foi a fervorosa busca pela identidade nacional. Como em outros cantos da diáspora, os africanos que ali desembarcaram, arrancados a força de suas terras ancestrais, suas línguas e culturas, enfrentaram uma crise identitária. Embarcados contra a própria vontade, o custoso processo de se adaptarem a um novo contexto provocou complexas repercussões, especialmente no tecido social.

Deste modo, os escravizados e seus descendentes foram fundamentais para a criação e a invenção de novas identidades, de uma nova cultura, elaborando novas formas de espiritualidade, de conhecimento, de subjetividade, de sociabilidade. As novas culturas formadas são também esforços que carregam, em sua essência, não apenas aspectos de resistência, mas também de esperança. Essas culturas, que para maior clareza podemos denominar como culturas políticas, não são “mumificações” históricas, mas enlaçam continuamente um processo de recriação emergindo dos fluxos e partilhas de ideias, valores e projetos que circulam pelo mundo afrodiaspórico (Bernardino-Costa; Maldonado-Torres; Grosfoguel, 2018).

De acordo com Stuart Hall (2000), a referida crise identitária enfrentada por africanos em diáspora e seus descendentes é entendida como parte de um processo mais abrangente de mudanças que está reconfigurando as estruturas e processos fundamentais das sociedades modernas e desestabilizando os quadros de referência que anteriormente forneciam aos indivíduos uma âncora estável no mundo social:

[...] O que denominamos “nossas identidades” poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos “viver”, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente (Hall, 2000, p. 7).



Pensar a negritude dentro da sociedade contemporânea é concebê-la num contexto em que raça, gênero e classe estão interseccionados. Isso significa que as lutas por direitos, liberdade e visibilidade são encampadas em várias frentes e simultaneamente. A juventude de Stuart Hall (1932-2014), por exemplo, foi marcada pelo contexto caribenho de luta pela libertação nacional e lutas anticolonialistas, que, dentre outros aspectos, redesenham as identidades e a cultura do povo negro em diáspora, isto é, movimentos de deslocamentos, de desterritorialização e reterritorialização, resultantes dos processos de escravidão. Desse contexto que emergiu a obra de Hall, da qual se extrai importantes contribuições para que compreendamos as formas como a negritude se insere no cenário do século XX e nos aproxima da trajetória esportiva de Elaine Thompson-Herah (1992-).

O constructo teórico de análise da estética negra se baseia na noção de negritude. Tal noção nos interessa porque possibilita observar a dinâmica pela qual os sujeitos sociais se localizam em suas interações, permitindo percebermos as múltiplas construções identitárias por meio das quais as pessoas se relacionam na vida social. Assim, a noção de negritude é representativa de uma perspectiva que celebra as culturas e filosofias de matrizes africanas e as características físicas/corporais, estéticas, artísticas, históricas e políticas dos povos africanos e seus descendentes. Trata-se de uma forma de resistir a colonização e o etnocentrismo cultural da branquitude (Du Bois, 2021).

É importante destacar que a negritude foi, em parte, uma reação à assimilação cultural e ao racismo enfrentados pelos estudantes negros na França metropolitana, bem como uma resposta à alienação cultural devido à influência colonial na África e nas Caraíbas. A noção de negritude, tal como apresentada por Du Bois (2021) rejeita a ideia etnocêntrica de inferioridade das culturas africanas e promoveram uma reapreciação das tradições, valores e estética negra não se esgotando em ideais de preservação, mas evocando negociação, reinvenção e ressignificação em contextos globais.

Não é nosso objetivo apresentar o marco histórico ou a inauguração do conceito de negritude, mas indicar que as manifestações de valorização da identidade negra, de orgulho e consciência negra estiveram enlaçados às reivindicações dos movimentos emancipatórios do povo negro e afrodescendente envolvidos no final do século XIX e fortalecidos no século XX. Contudo, é importante refletir sobre os mecanismos da modernidade que operam a contradição do colonialismo, sendo assim, o esporte e dentro dele o atletismo praticado por mulheres negras periféricas, como Elaine Thompson-Herah, possui um caráter de cultura





democrática com públicos de diferentes raças, classes e gêneros. Os corpos negros e periféricos ocupam espaço de subalternos na geopolítica do conhecimento, assumem lugar de protagonismo em terceira pessoa, porém estão em constante movimento e impulsionados para construir relações identitárias multifacetadas.

Ao elegermos a jamaicana Elaine Thompson-Herah para ampliarmos as discussões acerca da estética negra como constitutiva de insurgência no esporte de alto nível, estamos rompendo com epistemologias etnocêntricas, isto é, estamos tensionando as referências brancas europeias supremacistas. A partir de referências bibliográficas importantes no que diz respeito a conceitos como identidade, negritude e colonialismo, é que pretendemos refletir sobre o que significa a desobediência estética diante do narcisismo cultural. A problemática se dará por aquilo que chamamos de estética negra como desobediência ao narcisismo branco. Situamos a noção de desobediência estética no contexto do pensamento decolonial de Walter D. Mignolo (2000), o qual tem conceituado como “desobediência e reconstrução epistêmica” a prática de desafiar a hegemonia dos modos provinciais de pensamento advindos do paradigma eurocêntrico ocidental frequentemente tido como universal. Este processo tem como objetivo à promoção da emancipação social e o combate à desigualdade, à discriminação, à exploração e à pretensa supremacia branca patriarcal.

O narcisismo cultural refere-se as epistemologias que reproduzem a ideia de que conhecimentos, ciências, poder, desenvolvimento, força e beleza são inerentes ao homem branco ocidental e, portanto, conformado como referencial universal. O desenvolvimento de nossa análise terá como primeiro ponto a discussão entre estética negra e narcisismo cultural. A seguir analisaremos o papel da mulher negra no atletismo, destacando a presença de Thompson-Herah e a performance estética do seu corpo no esporte como insurgente dentro de um contexto onde corpos negros periféricos foram historicamente subalternizados.

Tensão e transformação: Estética negra versus narcisismo cultural

Da Antiguidade até a Contemporaneidade, a definição de estética tem sido objeto de constantes transformações, moldando-se conforme a perspectiva analítica de cada contexto histórico e seus respectivos quadros teóricos. Embora seus múltiplos significados possam ser aplicados a diversas situações, há elementos comuns que perduram, associando a estética à beleza, à inspiração, ao bem, ao sublime e ao desejável. Ainda que não se fale em “estética



branca”, nela subjaz uma racionalidade branca, reflexo da colonialidade, mas se fala em “estética negra” quando se deseja especificar o referente que não seja o branco.

Assumimos, nas palavras de Aimé Césaire (Césaire apud Shohat; Stam, 1994, p. 3), “que nenhum grupo deveria tomar para si o monopólio da beleza, da estética ou da força” e que “negritude é identidade, solidariedade e fidelidade”. Assim, por uma perspectiva decolonial, assinalamos o pensamento de Walter Mignolo (2000), cuja crítica a Modernidade/Colonialidade aponta para a limitação em torno da ideia de estética como “sensação de beleza”. Para o autor, tal limitação é o retrato da colonização da estética convertida em uma percepção particular ocidental com vistas a universalização e naturalização da beleza. Isso significa que é possível entender a identidade numa sociedade na qual os sujeitos atribuem à identidade racial branca um valor estético, moral e intelectual superior a outras identidades raciais. A estética negra não se finda em teorias representativas, mas está associada a relações e interpretação não fixadas e tampouco naturalizadas, por isso tem a capacidade de tensionar o referencial estético branco pretensamente universal.

Herdeiros do discurso moderno, cujas referências refletem a Europa ocidental heteronormativa de supremacia branca e cristã, moldaram as instituições de saber e poder, entrelaçando os ideais iluministas ao prazer do pacto narcísico. Embora justiça, igualdade e liberdade sejam valores fundamentais, sua aplicação burguesa varia conforme os grupos raciais. Observamos, especialmente através do tratamento dispensado aos atletas negros ao longo do tempo, a perpetuação da ideologia racial dominante que proclama a superioridade branca, ao mesmo tempo que impõe a inferioridade aos demais. Lori Latrice Martin (2015) chama atenção para o propósito da socialização racial que está relacionada diretamente aos tipos de esportes aos quais negros e brancos têm acesso. Assim como eles devem se comportar em suas respectivas posições qualquer ato que desafie o status quo branco resulta em manifestações de racismo pelo grupo dominante – os brancos – em relação ao subordinado – os negros. De acordo com Martin (2015):

O processo de socialização racial não apenas leva à identificação de determinados esportes como esportes brancos ou negros, mas a não conformidade com as normas e a etiqueta racial pode levar a manifestações explícitas de racismo. A mera existência de normas e etiquetas raciais que governam as expectativas de comportamento em si é uma evidência de racismo — o sistema multidimensional pelo qual um grupo dominante oprime e culpa um ou mais grupos subordinados (Martin, 2015, pp. 1-2, tradução nossa).



Martin (2015) refere-se a sociedade estadunidense para suas análises. Acreditamos que, não obstante as particularidades dessa cultura, suas reflexões podem ser estendidas a outras sociedades onde os sustentáculos da Modernidade/Colonialidade alcançaram. Isto posto, o narcisismo cultural se caracteriza pelo horror daquilo que não reflete sua aspiração de beleza, bondade, felicidade. Neste sentido, estudos que tomam de empréstimo o narciso freudiano como referência para análises em diversas áreas de conhecimento tem em comum apontar o narcisismo como forma de pensar sobre si e o Outro, o primeiro transfere para o segundo suas expectativas, inseguranças e um sistema complexo de emoções, a exemplo do medo que pode reprimir e condenar aquilo que o causa.

Frantz Fanon (2020) assevera que o homem europeu manifestava um profundo temor em relação ao negro africano, particularmente no que se refere à sua sexualidade. Para o intelectual martinicano, partindo de fontes interdisciplinares como laudos psicanalíticos e obras literárias o europeu branco era tomado por esse temor, buscava reprimir e condenar a sexualidade do negro, projetando sobre ela suas próprias ansiedades e preconceitos. Na esteira de elementos que causam temor no indivíduo branco, está aquilo que não é belo e, portanto, é considerado feio, assim, deve ser evitado.

Nesse quadro a estética negra surge, penetra nas estruturas do que foi historicamente e culturalmente estabelecido, fricciona as estruturas para mostrar que existem outros referenciais para a formação dos sujeitos. E que não é oposto, meramente diferente, tampouco inferior. A estética negra é, sobretudo, humana em todas as suas dimensões. A análise estética acaba por realçar (ou torna explícito) o abismo que separa negros e brancos no que tange a visibilidade nos esportes.

Transgressão e emancipação feminina no esporte: o caso de Elaine Thompson-Herah, a mulher mais rápida do mundo

Há décadas a Jamaica passa por um período de conflito social, causado pelo aumento da pobreza e tensão racial. Ao passo que o país apresenta uma das taxas mais altas de homicídio do mundo. No que concerne este processo de deterioração social, percebe-se uma nova intensificação do fluxo emigratório principalmente para os Estados Unidos (Nobile, 2017). É nesse contexto que Elaine Thompson-Herah nasceu, em Banana Ground, uma região jamaicana economicamente desfavorecida e marcada por profundas desigualdades sociais resultantes, dentre outros motivos, do colonialismo. Aos sete meses de idade, ela foi deixada





aos cuidados de sua avó, Glória, e na juventude foi incentivada por sua família a praticar atletismo (COI, 2024).

O atletismo tornou-se um importante caminho para subverter o destino enfrentado por Elaine Thompson, assim como para outras meninas e mulheres negras na região, onde o corpo feminino frequentemente é objetificado, vítima da opressão de gênero e afetado pelo racismo que subjuga a classe trabalhadora, especialmente as mulheres negras. Para a pesquisadora e ativista Beatriz Nascimento (1976, p. 104): "A mulher negra, elemento no qual se cristaliza mais a estrutura de dominação, como negra e como mulher, se vê, deste modo, ocupando os espaços e os papéis que lhe foram atribuídos desde a escravidão", ou seja, ainda vemos à mulher negra ser atribuído espaços de subordinação, em grande medida por tido seus antepassados e por ser negra. O pensamento da historiadora brasileira nos permite delinear aspectos das experiências das mulheres negras em contextos diversos, como no caso das mulheres negras na Jamaica, e essas análises nos transportam para pensar as relações e sentimentos comuns de mulheres negras com a discriminação racial em todo mundo quando consideram as dimensões de gênero, raça e classe.

Ângela Davis (2016) lembra em seu livro *Mulheres, raça e classe* que a estereotipada "força da mulher negra" é uma interpretação distorcida das estratégias de sobrevivência desenvolvidas durante o violento período da escravidão. Nesse contexto, as mulheres negras desenvolveram formas de enfrentar a vida e adquiriram "características consideradas tabus pela ideologia da feminilidade do século XIX" (Davis, 2016, p. 24). A consciência de seu enorme poder no que diz respeito a sua capacidade de produzir e criar, orientou essas mulheres a extrair das circunstâncias opressoras a força necessária para resistir à desumanização cotidiana da escravidão. A percepção que tinham de sua capacidade para o trabalho árduo pode ter lhes conferido confiança em sua habilidade para lutar por si mesmas, suas famílias e suas comunidades. Essa consciência atravessou oceanos, fronteiras e comunidades, onde a força das mulheres negras gerou resistência frente aos mecanismos de opressão que buscavam subjugar-las.

Elaine Thompson-Herah é multicampeã olímpica: conquistou medalha de ouro nas provas de 100 e 200 metros rasos nas Olimpíadas do Rio de Janeiro/2016 e Tóquio/2020, ouro no revezamento 4x100m em Tóquio/2020, é recordista olímpica nos 100 metros rasos - o que lhe rendeu o título de "mulher mais rápida do mundo". Além dessas conquistas, Elaine é uma mulher negra, e é importante refletirmos sobre como a figura da mulher negra foi pensada a





partir de um quadro social de valores que, de maneira geral, limitava o campo de atuação feminina a esfera da subalternização sob uma perspectiva patriarcal sexista branca dominante. Assim, o atletismo surge como um grande encorajador para uma vida pública, onde os holofotes de todo o mundo estariam atentos a cada passada.

Débora Andrade Pomplona Bezerra (2012) construiu em sua pesquisa um quadro resumido onde demonstrou que na Jamaica a colonização branca europeia, dos espanhóis até os ingleses, resultou na marginalização de um grupo de pessoas que enfrentavam dificuldades para obter emprego devido às suas características fenotípicas, em que a pele mais escura e lábios mais grossos significavam selvageria, enquanto cabelos lisos e pele mais clara significavam beleza, bondade e civilidade. Assim, a estética se torna um marcador de diferença, no qual o branco detém privilégios, e de acordo com Bezerra (2012, p. 41): “isso marcava sua [pretensa] superioridade, o que se evidenciava na maior facilidade de conseguir emprego, e lhes dava mobilidade social. Já a camada economicamente menos favorecida era composta por pessoas de cor mais escura e que se aproximassem mais dos padrões africanos.” Uma outra dimensão para um abismo ainda maior que separa brancos e negros é o acesso a oportunidade à escolarização, um fosso que aumenta quando pensamos em graus mais elevados de instrução.

Para Assumpção *et al.* (2010, p. 93), o esporte não pode ser pensado apenas como um fenômeno biofisiológico, ele é um espetáculo do mundo moderno, está presente no cotidiano das pessoas e movimenta um grande mercado de bens, produtos e serviços. Isso posto, vencer no atletismo significa vencer as adversidades da pobreza para jamaicanos e jamaicanas de pele mais escura como Thompson-Herah. O incentivo da família impulsionou a saída de uma condição historicamente naturalizada, ao negro a pobreza e subalternização. É certo que o esporte para muitos profissionais e atletas é uma fonte de renda e para outras pessoas, significa lazer e diversão. De acordo com Assumpção *et al.* (2010), nas classes sociais mais altas, o esporte é praticado por motivos de lazer, sociabilidade, estética, qualidade de vida e para demonstrar um determinado status e posição social. Por outro lado, nas camadas mais populares, crianças e adolescentes veem no esporte uma oportunidade de ascensão social, um meio de superar barreiras sociais e econômicas, submetendo-se as seletivas das categorias de base de equipes profissionais. Por volta dos cinco anos de idade, as crianças jamaicanas já são encorajadas a praticar o atletismo, em especial, as provas de velocidade. Nas últimas duas décadas, com destaque para os jogos Olímpicos, a notoriedade global alcançada





por nomes como Usain Bolt, Asafa Powell, Veronica Campbell-Brown e Shelly-Ann Fraser-Pryce, todos/as atletas jamaicanos/as, ajudaram as crianças a verem, em sua própria ilha, oportunidades para progredir no esporte e na vida, mesmo diante das vulnerabilidades socioeconômicas onde devido à história e legado da discriminação racial na educação e habitação convivem com as diferenças abissais de estruturas para o treinamento corporal em relação a outros lugares no mundo.

Neste sentido, é possível indagar se existe esporte para negros e esporte para brancos? É possível notar que o atletismo seja mais acessível quando comparado com outras modalidades que dependem de recursos materiais de valor alto, como tênis de quadra, hipismo, esgrima, esqui, polo. Certamente, em lugares arrasados pela pobreza e péssimas condições, a máquina humana seja o único suporte para ascensão desses atletas que projetam seus sonhos nos próprios sprints – muitas vezes com os pés descalços – e uniformes emprestados. Assim, as leituras interseccionais nos oferecem possibilidades de tecer teias mais complexas para análises mais aprofundadas da relação entre raça, gênero e classe com o esporte.

Thompson-Herah ao ascender no esporte, rompe com o estereótipo da mulher negra nascida para servir, sexualmente objetificada e condicionada ao espaço doméstico. Há nessa trajetória um aspecto significativo que mostra uma “quebra” no paradigma do patriarcado que age no ocidente e que entre outras coisas naturalizou a mulher na condição de dona de casa, na vida privada que insiste em criar normativas em torno das relações de gênero e outros demarcadores sociais ao passo que se apropria dos corpos das mulheres como objeto de dominação masculina como propriedade privada. Michelle Perrot (2005), historiadora e especialista da história do século XIX, e uma das precursoras dos estudos sobre a história das mulheres no ocidente, demonstra que o privado nem sempre existiu e, portanto, é variável no tempo e no espaço. A historiadora analisa as temáticas associadas ao âmbito público/privado, destacando o desenvolvimento de um mecanismo que conferia legitimidade ao papel das mulheres:

A distinção do público e do privado é, ao mesmo tempo, uma forma de governabilidade e de racionalização da sociedade no século 19. Em linhas gerais, as “esferas” são pensadas como equivalentes dos sexos e jamais a divisão sexual dos papéis, das tarefas e dos espaços foi levada tão longe. Aos homens o público, cujo centro é a política. Às mulheres, o privado, cujo coração é formado pelo doméstico e a casa (Perrot, 2005, p. 459).



Essa naturalização dos papéis de gênero contribui para a configuração da distinção entre as esferas pública e privada, reforçando a ideia de que a família é a vocação natural e inevitável das mulheres. Ao passo que as famílias jamaicanas, no Caribe, incentivam suas crianças, independentemente do gênero, à prática do esporte, elas estão transgredindo o modelo colonialista que se esforça para manter essa distinção operando as relações e determinando papéis onde a oposição público e privado é desigual para as mulheres.

E é justamente nesse contexto que, como mulher negra, Elaine Thompson-Herah atrai os holofotes que a inscrevem como forte, veloz e campeã. Ela rompe, ao lado de outras atletas com a inferiorização dos corpos negros de pele mais escura, nascida em comunidade pobre para se tornar referência de estética de força, velocidade e vitoriosa dentro e fora das pistas de atletismo chamando atenção para que outras crianças e mulheres reconheçam a estética negra como positiva, um referencial de identidade alinhada as experiências de memórias e costumes de vida. A mesma atleta dividiu o pódio nos Jogos de Tóquio com sua principal referência, a também corredora jamaicana Shelly-Ann Fraser-Pryce, em que foi medalha de ouro enquanto a veterana foi prata. Pensar a estética negra de Thompson-Herah é questionar os referenciais teóricos e culturais, refletindo sobre eles e permitindo novas leituras que possibilitam desnaturalizar a condição feminina negra de uma teorização tradicional única ou mesmo deslocada da intersecção.

Não é objeto desse ensaio colocar a estética negra da atleta como condicionante para seu mérito, ao passo que vale a pena destacar que a dimensão cultural do corpo não nega sua materialidade biológica. Isso posto, compreendemos o corpo como “o que dele se diz” (Goellner, 2013, p. 29), sem essencialismo, recorreremos aos comentários nas postagens no Instagram de Thompson-Herah onde a atleta compartilha parte da sua vida privada, como atividades da vida doméstica, dimensões da maternidade e laços de afetividade. A também corredora Shelly-Ann Fraser-Pryce contou que:

Como atleta, há muitas coisas que a gente não quer fazer para arriscar a carreira. Não há muitas mulheres que decidem começar uma família e depois voltar [a competir], muitas mulheres também são elogiadas por isso. Sempre há críticos que dizem: ‘Ah, acabou para ela, ela precisa ir para casa e criar o filho, ela precisa parar de pensar nas pistas’ e coisas desse tipo (Wire; Noor Haq, 2021).

McGannon *et al.* (2012) analisam que os meios de comunicação têm celebrado as “mães olímpicas”, isto é, mulheres que conciliam a maternidade com a participação em esportes de alto padrão mundial. É preciso reconhecer que as mulheres no esporte de alto



rendimento como o atletismo podem ter suas vidas impactadas muito mais do que os homens, pois a maternidade para elas repercute de maneira que são atravessadas por mudanças significativas e que, embora o reconhecimento do sucesso venha com o retorno às pistas, é imprescindível entendermos a sobrecarga que essas mulheres podem esconder como, por exemplo, a pressão para o retorno da performance do corpo.

Assim, destacamos a visibilidade da atleta fora do atletismo internacional haja vista que tenha publicizado nas redes de mídia social dimensões da vida privada entrelaçando a vida pública, a atleta demonstra reverter seu prestígio à comunidade Banana Ground, o distrito agrícola onde foi criada pela avó, e que recebe seu apoio filantrópico com investimentos estruturais para seu desenvolvimento. A mídia desportiva a qual tivemos acesso para uso neste ensaio faz uso de uma narrativa que busca contar a história de superação e sucesso de atletas de origem pobre, uma tentativa de exaltar o esporte como a possibilidade de mobilidade social ascendente. Embora a exaltação exista, sem deixar de apontar as dificuldades, é muito comum estas reportagens apresentarem superficialmente aspectos importantes e mais complexos que expliquem a ascensão de atletas, como mudança de lugar – muitos atletas acabam saindo da cidade ou do país de origem, assim como deixam de assinalar a influência de vários agentes de socialização como família, colegas e religião; sem contar o impacto dos movimentos sociais nas comunidades locais, as variações na qualidade da educação, o choque cultural, as violências e até mesmo a formação da identidades. Não é possível exaltar esses atletas sem considerar trajetórias ricas e multifacetadas bem como os confrontos e resistências por eles encarados. Neste sentido, tomamos de empréstimo o que Cristina Scheibe Wolff (2019) chama de Resistência, para descrever ações de oposição à dominação e opressão de gênero. Assim, a trajetória atlética, isto é, o processo que conduz as protagonistas do esporte à realização das suas aspirações encontra-se também os atravessamentos históricos concernentes à raça, ao gênero e a classe a qual pertencem, bem como as referências de enfrentamento às opressões e discriminações.

Não é incomum atletas de origem pobre buscarem fora de sua localidade (bairro, cidade, país) estrutura técnica para crescerem no esporte, principalmente em casos que centros de treinamentos mais equipados estão nos centros urbanos, onde o capital gira com mais intensidade. Essa mudança redimensiona as relações sociais, assim a família deixa de ser a única referência de socialização, para muitos, a igreja e centros comunitários se tornam verdadeiros parceiros acolhedores numa trajetória marcada por um carrossel de mudanças.





Esse contato com o mundo exterior à comunidade de origem também enseja mudanças em suas identidades pelo contato com outras culturas.

Stuart Hall (2019) faz um importante panorama sobre os contatos entre culturas diferentes e seus efeitos, para Hall a identidade cultural ao entrar em contato com uma identidade cultural distinta (de forma voluntária ou não) pode ser impactada de várias maneiras: a) homogeneização cultural – uma assimilação completa da nova identidade, resultando no desaparecimento da original; b) fortalecimento da identidade local – uma identificação com as culturas de origem, na tentativa de recuperar ou preservar a pureza da identidade original e resgatar o que possa ter sido perdido; c) criação de novas identidades – o surgimento de uma identidade totalmente nova, com características inéditas, que pode ou não ter similaridades com as duas identidades originais; d) hibridismo ou tradução – quando existe a manutenção de fortes vínculos com a origem, sem ser completamente assimilada pela nova identidade, mas negociando novos conceitos, gerando uma cultura interconectada e sincrética. Aqui é possível classificarmos a reação identitária de Thompson-Herah ao hibridismo, pois mantém vínculo com sua origem sem perder de vista assimilação com o que bens e consumo disponíveis pelo acesso ao capital podem oferecer, a saber: fama e dinheiro.

A estética negra de Thompson-Herah, manifestada na cor de sua pele, no cabelo crespo, nas cores vibrantes do pan-africanismo presentes na bandeira jamaicana que ostenta em seus uniformes, nas escolhas das cores do esmalte de suas unhas e nas suas tranças que remetem à ancestralidade africana, contribui significativamente para o processo de rompimento com o colonialismo inglês, isto é, de descolonização cultural. Este processo é particularmente relevante considerando que a Jamaica foi uma colônia da Grã-Bretanha.

Ao traçarmos a ascensão de Thompson-Herah pela interseção de raça, classe e gênero, vislumbramos uma mulher negra de origem pobre, cuja subordinação, inferioridade e impotência são construções sociais, culturais e políticas expressas pela Colonialidade. Os principais teóricos, como Aníbal Quijano e Walter Dignolo, assinalam a necessidade de romper com essas categorizações, reconhecendo que tais construções discursivas são produtos de um legado colonial que continua a perpetuar desigualdades e hierarquias. É imperativo desconstruir essas narrativas para reavaliar e reconhecer as experiências e contribuições das mulheres negras em um contexto histórico e contemporâneo que têm ganhado mais espaço em debates sobre diversidade nos esportes como em outras dimensões das relações humanas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletirmos sobre a trajetória e a estética negra da atleta jamaicana de Elaine Thompson-Herah buscamos destacar que sua presença e representação ultrapassam suas conquistas esportivas. Sua trajetória de vida exalta sua dedicação e talento, mas também é importante destacarmos as dimensões de gênero, raça e classe que se entrelaçam ao passo que constituem suas experiências e acabam influenciando suas expressões estéticas reafirmando identidade cultural e resistência diante das narrativas colonialistas narcisistas e opressoras.

Por meio de suas escolhas estéticas e histórias de vida, atletas como Thompson-Herah corroboram a beleza, a força e a resiliência da negritude, desafiando estereótipos e inspirando novas gerações. Elaine Thompson-Herah, não é apenas uma atleta de alto rendimento, ela performatiza a estética negra e a impõe ao passo que celebra o cabelo crespo, os traços marcantes e a pele preta como sinais de diferença e poder. A cada passada em direção à linha de chegada, Thompson-Herah reescreve e ressignifica a negritude exaltando beleza e força no esporte ao subverter normas e reconstruir conceitos de beleza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUMPÇÃO, Luís Otávio Teles *et al.* Temas e questões fundamentais na sociologia do esporte. **Revista brasileira de ciência e movimento**, v. 18, n. 2, p. 92-99, 2010.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. Introdução: Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. São Paulo: Autêntica, 2018.

BEZERRA, Débora Andrade Pamplona. **O movimento rastafári: da Jamaica para identidade e cultura em Fortaleza**. 2012. 317f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2012.

COMITÉ OLÍMPICO INTERNACIONAL (COI). **Elaine Thompson-Herah**. Disponível em: <<https://olympics.com/pt/atletas/elaine-thompson>>. Acesso em: 3 mai. 2024.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça, classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DU BOIS, William Edward Burghardt. **As Almas do Povo Negro**. São Paulo: Veneta, 2021.

FANON, Frantz. **Pele Negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu, 2020.





GOELLNER, Silvana. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MARTIN, Lori Latrice. **White sports/black sports: racial disparities in athletic programs**. Santa Barbara, California, USA: Praeger, 2015.

MCGANNON, Kerry *et al.* (De)constructing Paula Radcliffe: exploring media representations of elite running, pregnancy and motherhood through cultural sport psychology. **Psychology of sport and exercise**, v. 13, n. 6, p. 820-829, 2012.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de letras da UFF**, n. 34, p. 287-324, 2008.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho. In: RATTIS, Alex. **Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

NOBILE, Rodrigo. **Jamaica**. Portal contemporâneo da América Latina e Caribe. 2017. Disponível em: <<https://sites.usp.br/portalatinoamericano/espanol-jamaica>>. Acesso em: 20 out. 2024.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Unthinking Eurocentrism: multiculturalism and the media**. London, England: Routledge, 1994.

WIRE, Coy; NOOR HAQ, Sana. 'Representamos esperança das meninas do nosso país', dizem velocistas da Jamaica. **CNN Brasil**. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/outros-esportes/representamos-esperanca-das-meninas-do-nosso-pais-dizem-velocistas-da-jamaica/>>. Acesso: 18 jul. 2024

WOLFF, Cristina Scheibe. Resistência. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro (Orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados, MS: UFGD, 2019.

Dados da primeira autora:

Email: shirley.souza@unemat.br

Endereço: Rua Francisco Xavier Lourenço, 420, Vila Nova, Cáceres, MT, CEP: 78217192, Brasil.

Recebido em: 13/02/2025

Aprovado em: 26/05/2025



**Como citar este artigo:**

SOUZA, Shirley Cláudia da Silva e; MELO, Fernando Garcez de. Estética negra *versus* narcisismo cultural: a desobediência estética feminina negra de Elaine Thompson-Herah. **Corpoconsciência**, v. 29, e19200, p. 1-15, 2024.